

ESPECIAL

O CONDENADO CANDIDATO

A DOLORIDA DERROTA DE LULA AO APELAR CONTRA A SENTENÇA DE MORO ABRE UM MAR DE INCERTEZAS ELEITORAIS. A ESQUERDA MOSTRA UNIDADE, MAS TEM O DESAFIO DE EVITAR A DISPERSÃO

por ANDRÉ BARROCAL, DE PORTO ALEGRE





Antes de sua apelação contra a sentença a 9 anos de prisão ser convertida em uma pior, de 12 anos, o ex-presidente Lula não alimentava ilusões sobre seu destino na Justiça. “Vai ser igual ao Fidel”, comentou dia desses entre aliados. “A História me absolverá.” “Condenadme, no me importa, la História me absolverá”, foi como Fidel Castro defendeu-se ao pegar 15 anos, em 1953, por tentar a Revolução pela primeira vez com o assalto a um quartel. Um julgamento em que passou de acusado (no Judiciário) a acusador (de Fulgencio Batista), trilha

que Lula repete. Na véspera da condenação por corrupção e lavagem ser ratificada, viajou a Porto Alegre, sede do tribunal que rejeitaria sua apelação, para discursar diante de milhares de apoiadores e, de cara, avisou: “Não vou falar do meu processo (...) vim aqui para falar do Brasil”. E atirou nas mazelas nacionais, na “elite subalterna”, no “complexo de vira-latas”.

Na noite seguinte, a da quarta-feira 24, já em São Paulo e com a desfavorável decisão do Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF4) tomada, voltava a um palanque, este armando pelo sem-teto Guilherme Boulos, presidenciável do PSOL, para mais pitadas históricas. “Mandela ficou preso 27 anos e nem por isso a luta que ele fazia diminuiu.” Nelson Mandela, o líder da África do Sul encarcerado pelo *apartheid* e que chegou ao poder em 1994 após a ruína do regime racista. Um governante que escolheu Cuba para a primeira viagem internacional, a fim de encontrar Fidel, grato pelo apoio cubano à luta dos negros contra o regime de segregação racial.

O futuro imediato de Lula reserva uma viagem também simbólica.

Resolveu ir após o Carnaval a São Borja, berço e cova de Getúlio Vargas. A cidade gaúcha de 60 mil habitantes dará início ao giro sulista da caravana que percorre o País desde agosto, mês do suicídio de Vargas. Um íntimo de Lula diz temer pela vida dele. Não por mãos inimigas, mas por obra de algum simpatizante do ex-presidente presente a um ato público, um atentado para livrar Lula de um destino dramático em vida e para tornar o ex-presidente um mártir. “Só tem um jeito de me tirar da luta: o dia que eu morrer”, disparou o petista na quarta 24. “Me deu coceirinha, e agora eu quero ser candidato a presidente.”

Botar a candidatura na rua foi a reação de Lula e do PT à decisão do TRF4. O time do ex-presidente rascunha uma Carta ao Povo Brasileiro, para lançar em 19 de fevereiro, com propostas de distribuição de riqueza, como cobrar mais impostos dos ricos. No dia seguinte ao julgamento, a Executiva Nacional petista reuniu-se e reafirmou que a campanha não tem volta. “Vamos disputar a narrativa sobre a condenação do ex-presidente, acelerar as caravanas. Teremos uma situação tensa

LOGO APÓS O CARNAVAL, O EX-PRESIDENTE PRETENDE IR A SÃO BORJA E VISITAR A MEMÓRIA DE GETÚLIO VARGAS



Os políticos de toga confirmam a condenação decidida de antemão

RICARDO STUCKERT E SYLVIO SIRANGELO/TRF4



Lula em Porto Alegre, como sempre, com o apoio da multidão

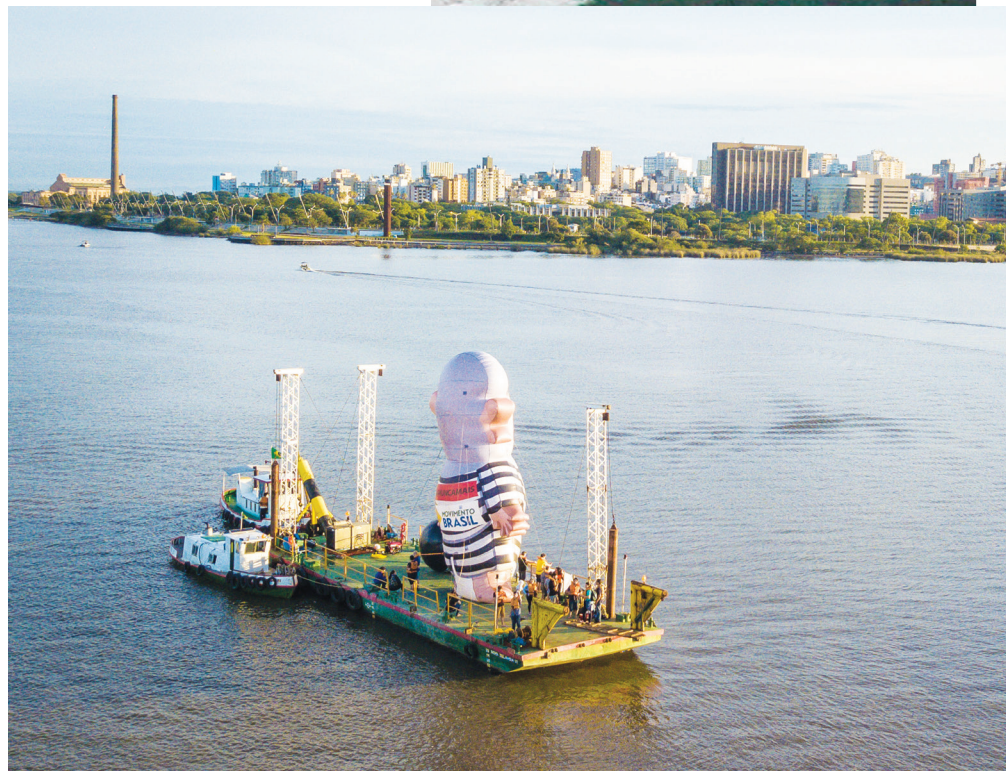
ESPECIAL

até a eleição”, diz Alexandre Padilha, vice-presidente do partido. Um desafio lulista será manter apoios. No Nordeste, há vários pré-acordos, até com o PMDB. Se será possível deixar a turma amarrada ante as incertezas, é um pepino para o PT administrar.

Idem para apoios no centro-esquerda. Presidenciais como Boulos e Manuela D’Ávila, do PCdoB, vão concorrer, por razões internas. Não têm dificuldade, porém, de apoiar Lula em um segundo turno. O PSB namora o ex-presidente e divulgou nota em sua defesa na véspera do julgamento, embora cogite lançar chapa própria, encabeçada pelo ex-juiz Joaquim Barbosa. O presidencialista do PDT, Ciro Gomes, destoa. Volta e meia alfineta Lula. Foi assim ao defender a data do julgamento pelo TRF4: “Justiça boa é Justiça rápida”. Há quem veja alguém a mirar um eleitorado conservador, da classe média anti-PT, para sair dos 5% nas pesquisas. Arriscado. Ele é quem mais ganha sem Lula, conforme um Datafolha de dezembro, chegaria a uns 12%. Bater no petista pode ser tiro no pé.

A manutenção de um bloco progressista em torno de Lula faria do ex-presidente um cabo eleitoral importante, aumentaria a chance de este postulante chegar ao segundo turno na eleição, mesmo que não seja pela via petista. Embora, no PT, haja quem avalie que a capacidade de Lula transferir votos já não é a mesma. Outros dizem que agora a candidatura será sabotada. “Nossos adversários vão fazer pequenas ações para minar Lula, para mostrar que a candidatura dele está ‘bichada’”, diz o deputado gaúcho Paulo Pimenta, líder do PT na Câmara.

No campo oposto, houve cautela na reação à condenação de Lula. Exceto por Jair Bolsonaro, rostos conhecidos não festejaram. Presidencialista, o comandante da Câmara, Rodrigo Maia, do DEM, soltou uma nota elegante. “Construí minha



O ADVOGADO INGLÊS ROBERTSON: FOI UM ESPETÁCULO “BIZARRO” DE UM SISTEMA JUDICIÁRIO “PRIMITIVO”

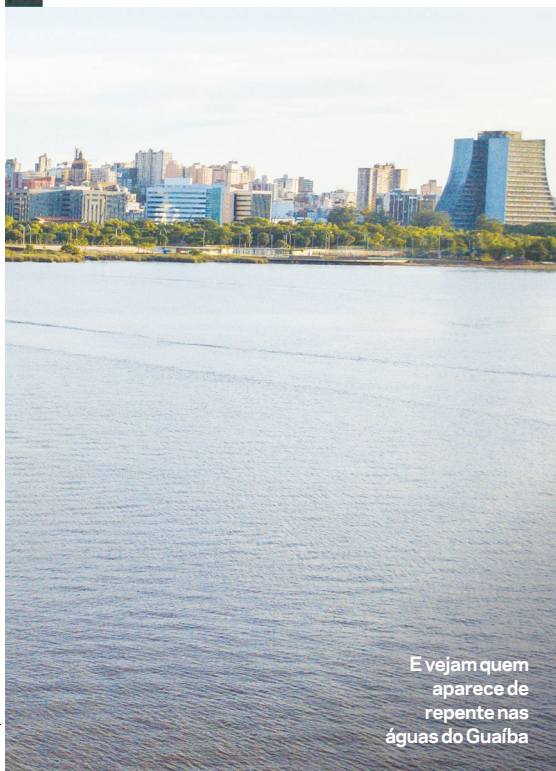
carreira combatendo, no campo da política, as teses defendidas pelo ex-presidente Lula e pelo PT. Ainda assim, quem tem responsabilidade pública, em qualquer nação, não pode estar celebrando o dia de hoje.” Fernando Henrique Cardoso disse ao *Valor* que “o jogo começa agora” e que o apresentador tucano Luciano Huck não desistiu de ser candidato. O global, mostram as pesquisas, desse lado é o único capaz de atrair as classes D e E.

Mas Lula pode ser candidato mesmo tendo perdido a apelação? O veto à candidatura com base na Lei da Ficha Limpa, sancionada por ele em junho de 2010, será assunto para o Tribunal Superior Eleitoral no momento do registro, em agosto. Até lá, o PT espera que

a candidatura seja um fato consumado nas pesquisas, para constranger o TSE. O passo a passo de uma candidatura *sub judice* foi descrito pelo advogado Luiz Fernando Casagrande Pereira, em parecer encomendado pelo PT. O advogado, defensor de Temer na cassação da chapa com Dilma em junho de 2017, reafirmou suas teses em uma reunião da cúpula do PT perto do Natal, quando se discutiu uma eventual condenação pelo TRF4. E esta veio, duríssima.

Foi um julgamento de mais de 9 horas, cercado de expectativas e metralhadoras. As imediações do tribunal estavam bloqueadas desde a véspera e só foram liberadas de vez um dia depois. O serviço nas repartições públicas na região foi

JEFFERSON BERNARDES/AFR. SERGIO SILVA, THEO MARQUES/FOLHAPRESS E SYLVIO SIRANGELO/TRF4



E vejam quem aparece de repente nas águas do Guaíba

suspensão nesse período. Por acordo entre órgãos federais, estaduais e prefeitura, havia patrulha no ar e naval. O que não impediu o Rio Guaíba, ali perto, de amanhecer com um Pixuleco gigante em uma embarcação, obra de dois movimentos reacionários, o MBL, que considera o prefeito gaúcho Nelson Marchezan, do PSDB, coisa sua, e o Vem Pra Rua. Cerca de 2,2 mil policiais circulavam por Porto Alegre, efetivo superior ao da cidade, devido à desconfiança de possíveis reações de partidários de Lula, “tropa de choque” a ver o ex-presidente como “redentor” e interessados em acuar a Corte, comentou no início da sessão o procurador Maurício Gotardo Gerum, vocalizador da acusação. Nem precisou se esforçar para ganhar. Os três juízes estavam afinados, dois traziam votos de casa, o relator João Pedro Gebran Neto e o revisor Leandro Paulsen. Gebran é amigo de Sérgio Moro e gastou parte das três horas e meia do voto a defender o conterrâneo.

Para condenar Lula, citou a organização criminosa atuante na Petrobras, parecia que o caso ali era esse, não a propriedade de um triplex no Guarujá. Para ele, 46 mil reais de salário médio nos últimos seis meses, houve roubo na estatal, Lula “tinha de saber”, pela teoria do Domínio do Fato, o triplex foi o ganho para “finanças pessoais”, um ato corrupto, e esconder a posse, lavagem. E tascou pena de 12 anos, três a mais do que Moro.

Em uma hora e meia, o gaúcho Paulsen, 44 mil reais de salário médio em seis meses, seguiu a toada. Citou a imputação a Lula de membro de organização criminosa como mais grave do que o caso do triplex. Segundo ele, “há elementos de sobra” a incriminar o petista. E acompanhou Gebran na pena. Último a se pronunciar, o catarinense Victor Luiz dos Santos Laus, 55 mil reais de salário médio em seis meses, levou uma hora para chegar ao mesmo lugar. Lula “auferiu proveito pessoal” de fraudes na Petrobras, contra as quais podia ter tomado providências quando presidente. Fim da sessão, para delírio do “mercado”, vide o recorde na Bolsa, e de antipetistas de Norte a Sul.

Foi um espetáculo “bizarro” de um sistema de Justiça “primitivo”, comentou em seguida, em um hotel gaúcho, o advogado Geoffrey Robertson, de 71 anos, britânico defensor de Lula na Comissão de Direitos Humanos da ONU. Acompanhou a sessão ao lado dos advogados de Lula, Cristiano Zanin Martins e José Roberto Batochio, dupla a reclamar: seu cliente foi condenado sem provas, nada mostra que era dono do triplex ou que tenha agido no governo em favor da OAS em troca do imóvel. Contra ele, só a palavra de Léo Pinheiro, da OAS, que mudou sua versão inicial na esperança de fugir da cadeia e conseguiu abrandar sua prisão para semiaberto no TRF4. “Mais uma vez Lula é julgado por uma nova acusação”, disse Zanin, alusão ao fato de a organização criminosa na



Zanin irônico: “Mais uma vez, Lula é julgado por uma nova acusação”



Padilha prevê uma situação tensa até a eleição



Casagrande traçou o enredo da candidatura *sub judice*

ESPECIAL

Petrobras ter pesado mais do que o tema “apartamento”. A defesa vai recorrer. Como perdeu por unanimidade, há menos espaço para recursos, Lula pode ser preso em breve. Ou o Supremo Tribunal Federal voltará a proibir prisões após a segunda instância? Prender Lula “poderá incendiar o País”, disse ao *Estadão* o juiz do STF Marco Aurélio Mello.

Os dois dias anteriores ao julgamento mostraram uma parcela razoável da sociedade fechada com Lula, como se viu em manifestações em Porto Alegre. A Fetrafi, federação dos trabalhadores de instituições financeiras, foi palco dos primeiros atos. Organizados por PT e PCdoB, atraíram sindicalistas e militantes partidários de vários países, juristas, intelectuais. Ao chegar à maratona da segunda-feira 22, Gilberto Carvalho, chefe de gabinete de Lula nos oito anos de Presidência, aparentava otimismo. Apostava em um pedido de vistas por parte de algum dos três juízes, algo que postergaria uma decisão. “2 a 1 seria um sonho para nós”, dizia. “Vai ser 3 a 0, não tenho nenhum elemento que indique o contrário”, comentava um realista Paulo Pimenta, líder petista na Câmara.

Os estrangeiros na Fetrafi cumpriram o esperado. Solidariedade com Lula, pau no neoliberalismo triunfante com a desgraça do PT. Vice-presidente do Uruguai até setembro, Raúl Sendic veio ao Brasil para uma espécie de retribuição. Conheceu Lula em São Bernardo do Campo, quando tinha uns 20 anos, em 1983, 1984, em um Congresso da CUT que defendeu presos políticos uruguaios. Entre estes, o Raúl Sendic pai, fundador da guerrilha Tupamaros. Representante do European Left, partido de esquerda criado em 2004 por ex-síglas comunistas, o espanhol Marco Consolo apontou no caso Lula uma “contraofensiva das oligarquias”, igual à Europa da austeridade.

Seu conterrâneo Jesús Gallego García,

secretário internacional da central sindical espanhola UGT, comentava abismado uma pergunta de um jornalista brasileiro a respeito de problemas no trânsito decorrentes de marchas pró-Lula e do prejuízo a quem precisasse de hospital. Para García, a causa que o levou a Porto Alegre é mundial. “Se Lula for presidente, os trabalhadores espanhóis viverão melhor.” Ex-secretário da OIT, a Organização Internacional do Trabalho, o paraguaio Victor Báez Mosqueira dizia coisa parecida, enquanto reclamava da “politização do Judiciário”. “Para onde vai o Brasil, vai a região (*América Latina*).”

A Fetrafi lotou à noite para o ato de juristas e intelectuais organizado pelo Projeto Brasil Nação, do economista ex-tucano Luiz Carlos Bresser-Pereira, e a Frente Brasil de Juristas pela Democracia, surgida em julho de 2016 no embalo do *impeachment* de Dilma

Rousseff. Presidente da OAB na época de outro *impeachment*, o de Fernando Collor, Marcello Lavenère citou uma “perseguição judiciária” a Lula por “juízes midiáticos”. E antevia uma “farsa” dali a dois dias. Uma previsão que não impediu o cientista político Bernardo Tadeu César, professor aposentado da UFRGS, de comentar: “Estamos aqui para lembrar aos três desembargadores que os olhos do mundo estão no Brasil”, e que juristas internacionais criticaram a sentença do Moro.

Com seu “largo uso da imprensa” contra Lula, o juiz bolou uma “estratégia de manipulação” exitosa, segundo o professor de Direito Thomas Bustamante, da UFRJ. O também professor de Direito Jacson Zilio, da UFPR, declarou-se “pessimista e desmotivado” com o Brasil e o destino do ex-presidente. E admitiu: tem medo de apresentar-se como promotor

“Fosse só corrupção, Serra e Aécio não estariam soltos”, troveja Roberto Requião em um ato anti-Davos





"A TENTATIVA DE INTERDIÇÃO DO LULA É A INTERDIÇÃO DA DEMOCRACIA", AFIRMA O EX-GOVERNADOR JAQUES WAGNER

de Justiça que é, receoso de retaliações do Ministério Público. Um terreno conhecido do ex-ministro da Justiça Eugênio Aragão, subprocurador-geral aposentado. "O MP hoje trabalha com a pós-verdade", cria uma tese e depois apresenta "elementos de convicção como prova", vide o famoso PowerPoint da força-tarefa da Operação Lava Jato. Para Aragão, a operação esbarrou em fraudes similares às do "mensalão", no qual "aliados do PT não dividiam programa, mas proximidade do governo e prebendas", porém acabou por se prestar ao jogo "político-partidário", como "Sergio Moro faz descaradamente".

"O combate à corrupção entusiasmou a todos nós no começo. Mas se a Lava Jato



fosse só corrupção (o senador tucano José Serra e (o senador tucano mineiro) Aécio (Neves) não estariam soltos", diria na tarde do dia seguinte o senador Roberto Requião, do PMDB do Paraná. "Plano B" de Lula para a hipótese de ficar fora da eleição, coube ao nacionalista senador abrir na Assembleia Legislativa gaúcha um ato anti-Davos promovido pelas mesmas entidades que, em março, realizarão em Salvador o Fórum Social Mundial, o avesso do convescote da elite global nos alpes suíços. Para esquentar a plateia, um trio de *hip-hop* de egressos do sistema prisional, todos negros, cantava: "A educação que eles querem congelar por 20 anos é a nossa, a saúde é a nossa". No fim da apresentação, o grupo deu recado: "Nós pedimos Lula de volta". "O Lula é a única esperança de interromper esse processo de liberalização no Brasil", disse Requião.

Enquanto isso, em Davos, Michel Temer dizia que "as instituições brasileiras estão funcionando e funcionando com toda a tranquilidade", a propósito do julgamento de Lula. Sério? Ao ser acossado por criminosos delatores da Friboi, reclamava de "abuso de autoridade", falava em crise institucional. Cinismo à parte, o convescote nos Alpes foi motivo para virem a público dados vergonhosos para o Brasil no capítulo "concentração de riqueza". Como sempre às vésperas de Davos, a ONG britânica Oxfam divulgou novos números sobre uns ricos. Cinco deles, Jorge Paulo Lemann, Marcel Telles, Beto Sicupira (trio da AmBev), o banqueiro Joseph Safra e Eduardo Saverin, do Facebook, têm bens de 284 bilhões de reais, o mesmo que metade dos 208 milhões de brasileiros. "É a maior desigualdade do mundo. A tentativa de interdição do Lula é a interdição da democracia", dizia o ex-governador da Bahia Jaques Wagner, no ato anti-Davos.

Uma manifestação de mulheres em favor do ex-presidente não pôde ocorrer

naquela manhã na Assembleia por falta de luz. Às 9h28, dois minutos antes do início do evento, um estouro trouxe a escuridão. Outros 21 prédios de Porto Alegre ficaram apagados. A estatal de energia do Rio Grande do Sul, CEEE, alegou ter havido um problema técnico subterrâneo na região. No escuro, as militantes do Comitê Mulheres pela Democracia cantavam que “feminismo é revolução”, ao sair para a luz do dia na praça em frente à Assembleia, onde o ato por fim aconteceu, a música era outra: “Se cuida, se cuida seu machista, América Latina vai ser toda feminista”.

A estrela do ato foi Dilma Rousseff. Ela chegou à praça às 12h19 em um carrão preto do tipo SUV. Foi recebida por bandeiras coloridas do PCdoB, da central sindical CTB, da Apeoesp, o sindicato dos professores paulistas, MST e UNE. Discursou por meia hora em cima de um carro de som que exibia em uma das laterais a faixa: “Somos filhas de Anita

Garibaldi, mexeu com Lula, mexeu com todas”. Chamou de “absurdo” faltar luz na Assembleia e lançou dúvida sobre a causa, mas no fim muita gente na praça diria ter sido melhor assim, com um ato ao ar livre. Para Dilma, o Brasil assiste a um golpe em três atos. O primeiro foi a derrubada dela. O segundo, a adoção de uma agenda neoliberal contrária ao desejo das urnas, um ataque “político, econômico e geopolítico” ao Brasil, que nos anos Lula cresceu em protagonismo internacional. O terceiro é impedir a candidatura de Lula. “O golpe politicamente fracassou, eles não têm candidato.”

Ao lado de Dilma, no alto do carro de som, estava a artista plástica e professora de filosofia Marcia Tiburi, uma das personalidades presentes em atos em Porto Alegre a ilustrar a abrangência

dos simpatizantes da causa do petista. Eleonora de Lucena, ex-chefe na *Folha de S.Paulo*, passou por lá, a dizer que a condenação de Lula “é o coroamento do golpe”. O ativista digital Pablo Capilé, do coletivo Fora do Eixo, a jovem Ana Julia, símbolo de uma rebelião estudantil no Paraná em 2016, o cantor Chico César eram outros a circular. Idem o escritor Raduan Nassar, vencedor em 2016 do Prêmio Camões, o mais importante da língua portuguesa. O escritor paulista de 82 anos foi ao ato público de que Lula participou na terça-feira 23. Partiu no carro do petista, a convite deste. Deixou para trás uma carta. Os três juízes do TRF4 “terão um dia de se haver com a História”.

A mesma de quem Lula aguarda absolvição. •

DEPOIS DE PARTICIPAR DE UM ATO PÚBLICO NA TERÇA 23, RADUAN NASSAR AO SE REFERIR AOS JUÍZES: “TERÃO UM DIA DE SE HAVER COM A HISTÓRIA”



Dilma proclama na reunião das feministas: “Somos filhas de Anita Garibaldi”